

---

Luca Fanelli

*Movimento Sem Terra and migrations*

Prepared for delivery at the 2001 meeting of the Latin American Studies Association,  
Washington DC, September 6-8, 2001

---

1. All the families I studied migrated in each generation over long or fairly long distances. Jorge's story is typical. Now Jorge lives in the rural settlement organised by the Movimento Sem Terra (Landless Peasant Movement) in northern Paraná, Brazil.

At the beginning of the last century, Jorge's grandparents leave the Veneto region, in Italy, an area impoverished by the agriculture crisis of the nineteenth century and by malaria. They come to live in Argentina. There, Jorge's grandfather works in a factory and lives in a workers' village.

Minha mãe ela veio para o Brasil em mil novecentos e dezassete, que meu avo veio da Itália para Argentina, da li morou uns oito anos, aproximadamente oito anos e pois... então ele trabalhava na industria, porque na Argentina já tinha alguma indústria, então, segundo a minha mãe que contava pra nos que aí começaram á dizer pra ele que que no Brasil juntava dinheiro com a rastrela<sup>1</sup> aí ele veio para o Brasil então deixou a Argentina e veio morar no estado de São Paulo trabalhar na lavoura de café. (Jorge: cXXIIA: 4)

Jorge's mother is born in São Paulo state, where at the end of the thirties her family are share-croppers on a coffee plantation. Migration has not had the hoped-for effect and, maybe for that reason, Jorge's grandfather commits suicide.

When the coffee production crisis affects the São Paulo region, Jorge's parents begin the move to the south west, to the Paraná frontier, where the region is still wild. Jorge's parents stay only for short periods in the same place.

Só eu nasci no Paraná, todos meus irmãos nasceram no estado de São Paulo tão, daí meu pai veio em mil novecentos quarenta e nove e se mudou pra o Paraná, vim trabalhar com café no Paraná que tava começando á ser colonizado naquele tempo naquele... na década de quarenta o Paraná foi, quarenta e cinqüenta que foi desmatada toda essa região aqui no norte do Paraná e plantado café então meu pai veio plantar café ali em Florestópolis e já tinha o meu tio, o irmão mais novo do meu pai morava em Maringá também trabalhava no café... Eles gostavam de trabalhar com terra nova, neh, então meu pai... sempre... o máximo que ele trabalhava na terra oito anos naquela época neh, depois não, depois ele ficou na terra velha porque não tinha mais... mas mesmo nessa ida lá pra o oeste do Paraná, lá em Vera Cruz do Oeste... foi porque lá ainda tinha muito mato neh, trabalhar com terra nova, porque aqui já era terra velha... já de... quinze anos que tava, tem sido derrubado o mato e produzindo então... trabalhar em terra nova, meu pai só gostava trabalhar... em terra nova então o que ele fazia... quando morava ali onde ele nasceu, á onde se casou que era próximo á onde ele nasceu, ele se mudou... quase na divisa do estado de Minas Gerais

---

<sup>1</sup> This word comes from the Italian *rastrello*, rank

reformatar café, fazer plantar o café até seis anos de idade, quando tava com seis anos deixava, aí veio morar aqui próximo do do... aqui na região do Pontal de Paranapanema ali próximo do Presidente Prudente, veio li porque era sertão também, derruba... derrubar o mato e plantar café, ali quando morou ali uns anos aí veio para o Paraná porque era terra nova neh, sempre derrubada nova então derrubava o mato e plantava café e assim ele não, nunca ficou em terra velha por esse motivo veio para o Paraná e daqui foi lá pra o Oeste do Paraná... terra nova {mas assim ele comprava a terra?} não, sempre sempre trabalhava em terra dos outros neh {...} sim, porque naquele tempo o pessoal comprava o mato e eles davam pra uma pessoa cuidar então se você derrubasse o mato e plantasse o café todo por sua conta o que produzia por seis anos era todo seu... então o que acontece, depois de seis anos então daí era cinquenta por cento do... empregado cinquenta por cento do patrão, meia, meeiro, metade do café produzido aí era do patrão e até seis anos todo o que produzia neh e com quatro anos o café dava a primeira colheita, com cinco anos a segunda e com seis anos a terceira colheita, então todo esse tempo e quando... tinha outra maneira que o patrão... derrubava o mato, fazia uma casa neh e daí... e dava café plantado também neh... já alinhado e feitas as covas porque era plantado em linha neh em linha reta, então... dava o café alinhado já e plantado daí então era quatros anos só o que você colhia em quatros anos era seu, depois entregava para o patrão então esse era o motivo porque o meu pai vivia em terr... roça nova porque ele não gostava de ficar... pagando renda vamos dizer e trabalhar para dividir com o patrão. (Jorge: cXXIIA: 26)

The causes of such frequent migrations can be traced to the kinds of contracts given, as well as the agency of the migrants, whose project is to try to turn unfavourable conditions to their advantage.

At the end of the sixties, in fact, Jorge's father succeeds in purchasing a little plot of land thanks to a very good coffee crop. This plot is in south west Paraná, near Cascavel. There, the crops are different: no more coffee with subsistence crops, the *lavoura preta*, but the *lavoura branca*, corn with pig farming, rice grown without paddy fields (*arroz sequeiro*), plus, as usual, subsistence crops. It is hard to get accustomed to these new conditions. Selling produce becomes difficult. Jorge's family are share croppers again, but even doing this is increasingly difficult. The great black frosts of the seventies end coffee production, already weakened by world competition. Over a period of thirty years Paraná took over from São Paulo State as the highest coffee producing state, then in just a few years the plantations were eradicated to be replaced by extensive cattle farming and sugar cane plantations. West and south west Paraná were affected by a massive mechanization, led by the introduction of new crops for export and therefore to support industrial transformation, primarily soya.

Jorge's family no longer succeeds as share croppers. A relative offers them the hilly sector of his estate, too difficult to work with machines. They stay there for a while. Then Jorge marries, leaves his parent's family and finds similar work. In 1978 he leaves agriculture for a job on the Itaipú dam building job, which is just beginning.

Jorge works in two different dam building jobs. In 1982 he is forced to leave and to find building work in Cascavel, but these jobs are unstable and less well paid than those in dam building.

During this period, Otavia, Jorge's wife and Jorge take part in the fight for democracy that occurs throughout Brazil. Thanks to some contacts made during these years, much later, in 1999, they have the opportunity to leave the town for the country, for a Movimento Sem Terra rural settlement in northern Paraná, named Santa Maria.

§§§

2. This paper deal with the relationship between migratory routes and Movimento Sem Terra and the introductory story points out the complexity of the migratory routes. This paper is based on a field study of a Movimento Sem Terra rural settlement<sup>2</sup>.

How do such different processes interact: the far-reaching and long-term process of emigration and a rural movement, born just two decades ago? How does a political organisation work today to give peasants an opportunity to stay in the countryside and to help recently emigrated families find a way back to working in agriculture? Who are the protagonists of this stubborn resistance to the decrease in farm work and who chooses agriculture in the face of unemployment and the difficulties of urban life?

My research stems from these questions.

I developed my study with bibliographical and oral sources. Oral sources were collected during a two month stay in a Movimento Sem Terra rural settlement in northern Paraná.

In the rural settlement I was a “nearly participant observer”<sup>3</sup> and I interacted with all the people. I made deeper acquaintances with some, but I did not have any particular “mediator”. Some authors decry the process of collecting testimonies from people not

---

<sup>2</sup> This research converged partially in my degree thesis on Contemporary History at the Facoltà di Lettere e Filosofia (Humanities Faculty) of the University of Turin. The title of the thesis was *La scelta della terra. Studio di un insediamento rurale del Movimento Sem Terra in Brasile (The land choice. Field study of a Movimento Sem Terra rural settlement in Brazil)*. Supervisors of my thesis were: professor Aldo Agosti (History Department, Contemporary History); professor Chiara Vangelista (Political Studies Department, Latin American History) and Franco Ramella (History Department, History of the town and the territory). This thesis was presented October 4, 2000 and got first-class honours. A revised version of my thesis was given to the History Department for publication.

<sup>3</sup> Cfr. Chito GUALA, *I sentieri della ricerca sociale*, La Nuova Italia Scientifica, Roma 1997

used to talking in this way or giving personal evidence.<sup>4</sup> Nevertheless, I did so, for two reasons. Talking to everybody, I tried to rebuild all the facets of a micro-society. On the other hand, I gave a voice to marginalised persons in a collective reality where speaking skills are one of the most important means of internal differentiation.

I did not use interviews to understand the relationship between the interviewee evidence and an already known reality, because this reality still needs to be investigated. Nor did I use interviews as a source of facts, but I tried to delve into memory, methods of reconstruction and into the effect of that on accounts of the reality<sup>5</sup>.

The notion of structured / unstructured life history is useful in this framework. In structured life histories, there is a widespread lucidity about places, dates and persons; there is a causal link between different life periods; decisions are ascribed to necessity or to deliberate choices. On the contrary, in unstructured life histories, there are discrepancies in the data provided and doubt about the reasons for particular residence or job moves. Life history structure has a complex relationship with truthfulness. Completely unstructured life histories provide some data too meaningless to use. However even in structured life histories I believe there are clashes between multiple interpretations, between meanings given to events in the past and meanings given in the present, between personal meanings and meanings for the reference group and, finally, for the interviewer) and for that reason it is possible to have different interpretations of the same event.

For reasons of space, it is impossible to quote long passages from the interviews, as I did in my thesis and in the text provided for publication<sup>6</sup>. There I tried to respect the interviewee's thread of the argument by not quoting separate sentences, that could easily be misunderstood. I always name of the interviewee so that the reader can follow the story of that person's life.

Major bibliographical sources for my work are a new study that I did on statistical data about Paraná migration and occupation<sup>7</sup>, some broad based texts about Paraná migration and agriculture history, Movimento Sem Terra records and texts<sup>8</sup>. Some studies about rural settlement were extremely important in guiding my research. Brazilian literature on this issue has increased greatly in the last decade. Some texts are really worth translating for wider dissemination.

---

<sup>4</sup> Paul THOMPSON, *Problemi di metodo nella storia orale*, in Luisa PASSERINI (a cura di), *Storia orale. Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne*, Rosenberg & Sellier, Torino 1978

<sup>5</sup> Luisa PASSERINI (a cura di), *Storia orale. Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne*, Rosenberg & Sellier, Torino 1978

<sup>6</sup> Quotations are in the original language in this paper. I tried to respect spoken language, even if I have not used special formatting. “...” means a pause or a hesitation; “{something}” means a remark of mine; “†” means a word not understandable. Each quotation ends with a mark that refers to originals on tape. Anyone who wants to listen to originals can ask for a copy on CD rom.

<sup>7</sup> For a review of data used, cf. the bibliography at the IBGE item.

<sup>8</sup> For the record and textes used cfr. the bibliography at the following items: Concrab, Fernandes, Görden, Mst, Stédile.

Some of these studies are devoted to the quantitative characteristics of rural settlement. Most of these studies were conceived as evaluations of policy or as policy creation studies.<sup>9</sup>

Some other research, from field studies of particular rural settlements, has a different slant<sup>10</sup>. According to Jorge Osvaldo Romano, these studies paid particular attention to: the importance of primitive loyalties in group formation and behaviour; the matter of power in rural settlement; the particular sense of time in these micro-societies; the relativisation of the collectivism versus individualism dichotomy; finally, the complexity of the relationship between conflict mediators and the grassroots.

A multidisciplinary approach is a feature of these studies, as is pointed out by Vera Lúcia Botta Ferrante in an article devoted to research methodology on rural settlements<sup>11</sup>. I use this approach for my research.

Many studies deal with the matter of settlers' life histories, used as an explanation factor for some of the internal dynamics in rural settlements. The method used in my study, although it is centred on life stories, is deliberately different. Firstly, it is a historical study. I also tried to take from the collected individual evidence the common threads which brought together and led to a common set-up, the Santa Maria rural settlement. I wished, in other words, to prove the non-linearity of a route that could seem necessary or obvious in retrospect and I strove to do that by highlighting the turning point as critical moments where people facing constraints and possibilities always make an unforeseen choice.

§§§

3. Here I will discuss three matters to explain the relationship between migrations and the Movimento Sem Terra birth and development in Paraná.

First I analyse the processes that lead to the present settlers' lack of land.

At the end of the sixties the present Santa Maria settlers found themselves without land for their own reproduction as small peasants.

At least three factors caused this shortage. There are short term factors, individual events such as the theft of the money from a land sale or the embezzlement of land by dishonest middleman; there is the weak level of entrepreneurship; finally and above all the expropriation of land for the extensive construction of dams carried out by Brazilian government at the beginning of the seventies. It is important to mention all

---

<sup>9</sup> Cfr. FAO, PNUD, MARA, *Principais Indicadores Sócio-Econômicos dos Assentamentos de Reforma Agrária. Versão Resumida do Relatório Final do Projeto BRA 87/022*, s.l. 1992; INCRA, CRUB, UnB, *I Censo da Reforma Agrária no Brasil*, s.l. [Brasília], s.d. [1997]; Gilson Alceu BITTENCOURT, Valter BIANCHINI, *Estudos de sistemas agrários na região sul do Brasil*, FAO/INCRA - Projeto UTF/BRA/036/BRA, Curitiba 1998

<sup>10</sup> Some of the best essays of this kind are collected in: Leonilde MEDEIROS, Maria Valéria BARBOSA, Mariana Pantoja FRANCO, Neide ESTERCI, Sérgio LEITE (eds.), *Assentamentos rurais. Uma visão multidisciplinar*, Editora UNESP, São Paulo 1994

<sup>11</sup> Vera Lúcia Botta FERRANTE, *A aventura de pesquisar assentamentos rurais: dilemas da multidisciplinariedade e do pluralismo teórico*, "Cadernos de Sociologia", Porto Alegre

these factors, to root historical processes in the concrete lives people lived, but they had only a small effect on the present settlers at Santa Maria.

The transformation of Paraná agriculture in the sixties and on the seventies is one of the main cause of land shortage for these people. Here it is useful to outline two different categories.

A minha família, em mil novecentos setenta éramos pequenos agricultores, tinha uma media propriedade no Paraná, tivemos lá vinte e cinco alqueires de terra e em mil novecentos setenta e três meu pai fez um empréstimo no Banco do Brasil para plantação de soja, exato, que na época tinha grandes incentivos governamentais já que foi o período no qual o Brasil iniciou as grandes plantações de soja para a exportação então havia vários incentivos governamentais e muitos agricultores influenciados com a política oficial do Governo Federal decidiram plantar soja, para isto pegaram empréstimo do Banco do Brasil pra fazer o plantio só que naquele ano ouvi uma grande seca naquela região onde meu pai morava e grande parte da produção foi perdida. Para pagar a dívida com o Banco do Brasil foi necessário vender dois terços da propriedade então meu pai ficou apenas com uma pequena parte da pro... da terra onde não era mais possível desenvolver agricultura e a manutenção da família então decidiram de vender aquele outro pedaço e ir morar para a cidade só que esta decisão eeh depois teve graves conseqüências porque meu pai e minha mãe não tinham uma profissão.... (Ney: cIA: 32)

This evidence points out clearly the process in effect. Small peasants of the south west and west Paraná were not geared to the market. They entered the market only to get consumer goods necessary for survival. The ever-worsening terms of trade for traditional crop led to the growing of crops which were sponsored by the government during this period.. These crops need more mechanization and fitted into the agro-industry market. These processes are part of a larger framework where the government and economic élites foster a European food safety model at the expense of land rooted models and promote a new role for agriculture. By increasing productivity, macro-economic policies pursue a twofold goal: freeing manpower to go to the towns, to promote industrialisation and to lower salaries, a crucial point for competitiveness; they also aim to increase the production of agricultural goods, to feed the rising town population, who are not self-sufficient food producers, and to sustain export, needed to fund imports of technology and equipment.

The whole production system is then based on market exchange and investment, typical for each type of agricultural production, becomes more onerous and, above all, only possible for those with capital. For the small peasant, whose greatest resource is the land, a bank loan is the only way to finance his own reproduction; but at any moment that could deprive him from of his only commodity, the land, chiefly

because he cannot share the risk nor have government subsidies, as the larger farmer can.

Peasants without land, like Jorge, whose route we followed at the beginning, are the second category of peasant affected by land shortage. Possibilities of inclusion in the agricultural labour market became daily more difficult for share-croppers<sup>12</sup>, as we saw. The labour and land shortage is all the more tough as share-croppers were concentrated in northern and north western Paraná, where on top of the mechanization came the coffee crisis. In this context, jobs created by mechanization were fewer and worse paid than previous work.

In any case, what affected present Santa Maria settlers was not so much a land *loss* as a relative *impoverishment* that become dramatic in the stage of life when children grow up and create new peasant families.

If land plots of 5 to 20 *alqueires* (12-48 ha) were shared out between the children, it would be insufficient for anyone to make a living, given also the lack of capital for investment and the gradual impoverishment of the land.

Many interviews discussed this issue.

Meu pai morreu daí eu acabei saindo de casa, ficou minha mãe e mais dois irmãos aí depois eu casei eles tiveram o sitio e ficaram, mas era pequeno, seis alqueires e meio de terra não dava pra todos nos e daí acabaram botando fora terreno... então esse que tâ em Santa Catarina e esse que tâ em Medianera cabaram pra vender o terreno lá e não comprar outros e hoje tão todos sem terra também, tão morando todos na cidade... [...] eu to aqui daí pra ca... mas terra no meu nome mesmo nunca adquiri. (Valter: cXVIB: 1)

Não ele [o pai] não participou da ocupação porque o pai sempre trabalhou assim... no sindicato, assim em em direção de sindicato então ele sempre tava por dentro das coisas assim como é que eram neh, a questão de terras essas coisas assim neh então ele sempre tava... e ele foi o que foi da frente neh ajudou á nos á se convencer que pra nos, nos quisesse um pedaço de terra nosso nos tinha que fazer... acampar neh porque ele não poderia dar pra nenhum dos filhos, assim, poderia dar pouco pra uns, mas daí os outros? neh, assim então como não pode dar pra um não deu pra nenhum neh, então daí fomos acampar e é onde a gente tâ. (Paola: XXIX: 220)

The chronic lack of land brought about by family growth is a constant problem in peasant societies. In Brazilian settlement this problem has a different nature. In some Brazilian states there was industrial economic development; at the same time, in other

---

<sup>12</sup> We translate *colono* with share-cropper even though *colono* has a more complex meaning, because it signifies a very different kind of agreement between the landowner and the peasant



frontier states, where land was not yet settled and/or of dubious ownership, a great number of people were allowed to live in rural areas. The migrations, more or less one for each generation, and the consequent frontier “conquest” made probable the loss of the traditional ways of land sharing within the family and a loss of the knowledge about land preservation; both of these practices were present in the European tradition, where these peasant had their roots.

The closing of the internal frontier therefore caused a break. It was no longer possible to reproduce the peasant family by settlement on new land and that caused a widespread lack of land, in addition to the reasons mentioned above. The Movimento Sem Terra springs out of this situation.

Consequently the main and most significant means of struggle for Movimento Sem Terra struggle is land occupation, a sort of frontier settlement revised and politicized. Peasants committed to the Movimento Sem Terra struggle, different from other peasant movements, do not have a deep-rooted tie with a particular father land: they lack any land, not *a* land.

### §§§

4. Secondly I will discuss the culturally decisive factors that bring about the opposite process to leaving the countryside, that is, land occupation. Land occupation is not only a way for small peasants to stay in the countryside, but also a way back for those recently emigrated to the towns. Especially since the nineties Movimento Sem Terra tried to involve in land occupation those first-generation emigrants who live in *favelas* or town suburbs.

Return to the countryside is statistically negligible in the state I studied, but represents a social phenomenon of great interest.

Movimento Sem Terra theoretically regards leaving the country as necessary, and as a “natural and constant process of all societies and all civilization”, but emphasizes the Brazilian peculiarity, due to the rapidity and the size of the process. Frequently Movimento Sem Terra refers also to the “enormous social and economic problems” due to emigration “for emigrants and receiving towns”<sup>13</sup>.

Multiple reasons cause this ‘return exodus’ to the land. Some of these reasons are grounded in the economic situation, others in the development of forces involved in the struggle for land, others, finally in the stage of life. Elsewhere I have discussed all these matters, but here I will focus on culturally decisive factors. I found these factors to be a very strong feature for the settlers interviewed.

The majority of the settlers who have lived in town mention their urban experience, and they also express an opinion about the town. Those who have never lived in town

---

<sup>13</sup> MST, *Programa MST - Brasil 1997-1999*, sept. 1996

also mention urban life problems, sharing “common discourse”<sup>14</sup> about town evils. Here we refer only to the evidence of people who have lived for some time or even longer in an urban area.

Here are some of the difficulties mentioned which relate to urban work:

A vida na roça nos sempre fui boa sabe... eu sempre, meu pai trabalhava com café na época que eu era criança então era fartura neh, sempre tinha a gente sempre teve fartura e liberdade neh e na cidade era aquela vida corrida e você não tem mais liberdade você é escravo neh... desde que você pega, faz uma carteira profissional e dá pra uma empresa assinar a sua carteira profissional cê não é dono do seu nariz mais... não é dono de se. (Jorge: cXXIIIA: 349)

Construção civil... ele dá... quebra o galo mais esse... se você tem um emprego garantido ai tudo bem mais no momento que falta emprego na cidade não é fácil e foi o que me levou e eu tô aqui hoje... mudou tempo em diante começou faltar emprego neh... nos últimos três mandados de presidente primeiro foi o Fernan de Collor aquele lá foi um homem que não fez nada para os trabalhadores e hoje tô aí esse outro safado aí pior ainda então isso daí muito ruim pra... pra emprego na cidade aí tem que ir pra terra mesmo. (Valter: cXIVB: 298)

Strictly speaking these elements are peculiar to any subordinate job, whether rural or urban. But interviewees describe it as an urban feature, making a meaningful distinction between town and country.

Another element regards subsistence:

Ah gostava [de trabalhar] na roça, na roça se planta neh se cria neh uns bichinhos pra criação e tu gosta... na cidade não tem nada que plantar na cidade só tem que viver areando e ganha aquele ordenadinho mas aquele não dá nem pra viver que hoje dia um ordenado de salário de carteira assinada que é registrado não dá pra viver quanto mais a gente que nunca teve essas fartas [...] Na cidade de desde quando eu sei como alcance se você não paga? você vai usar uma barra de sabão e você não paga? assim na terra não precisa nos fazer opera de comércio pra sabão... por um quilo de carne, porque nos criamos. (Emilia: cXIIIB: 58)

Many interviewees, mostly those who stayed for only a short period in town, refer to the spatial constraints they experienced:

---

<sup>14</sup> This is a Maurizio Gribaudi's expression. Cfr. Maurizio GRIBAUDI, *Mondo operaio e mito operaio*, Einaudi, Torino 1987

Olhada assim não foi muito boa porque eh nunca teve morado sempre acostumado trabalhar assim morar no campo neh estava assim muito preso assim... não sentia assim a gente não sentia muita vontade... a gente morava numa casa de segundo andar neh, e como a gente é acostumada no campo sempre mexendo na lavoura e todas essas coisas trab... morar na cidade, sair duma ora pra outra e assim nem dei tempo de acostumar neh de cê ter uma boa assim... de cê ter uma boa experiência, que foi só três meses nesse período neh. (Gerardo: cXXXIB: 2)

Many emphasize the danger in towns. From a large number of quotes on this issue, we chose one reporting personal living conditions:

A cidade onde eu morava era †, bom, perto de Paranacity ela é bem maior de Paranacity, mas é uma cidade pequena também e a gente vendo mesmo cidade pequena... que acontece, imagine de marginalização, neh até criança na época que foi lá tava sumindo criança, acontecia seqüestro de pessoas assim, nossa, era uma coisa horrível sabe eu saia deis ora do serviço, deis ora da noite ia pra casa, sabe desembarcava do ponto circular em frente da minha casa e não podia mais sair pra nada, porque você tava se arriscando neh, qualquer coisa... porque eles não olham seu nível social eles querem tirar o que você tem mesmo, mesmo que você é pobre e não tem nada. (Maria: cXIA: 17)

Connected with this item is the opinion that the town is a less suitable place to raise children. Consequently, the choice of coming back to the country is often linked with the birth of children.

Eu nunca tava satisfeita com a cidade que vivia em constante medo neh porque daí se eu tava sozinha na cidade, enquanto eu era sozinha não tinha problema, neh, mas quando eu tinha uma criança neh que eu já tinha uma filha pequena neh, e aí era uma coibisse, imagine, uma criança na cidade viver com conflito constante neh, tem que administrar uma criança sozinha na cidade tinha que sair para trabalhar, não tinha com quem deixar neh então neh era bem difícil neh e vivia sempre com medo neh não sabia se deixa-la, tinha um medo que que subia, Toledo tava se tornando uma cidade grande neh então eu tinha um pouco de receio neh de ter de criar uns filhos assim na cidade não queria isso neh eu sabia que se eu ficasse lá eu teria que criar sozinha neh. (Gilda: cVIA: 314)

Eu cheguei á morar um ano em Santa Catarina, também, Camborioú, lá nas praias neh mas, também na época não tinha filhos neh que eu casei fui morar pra lá aí numa cidade grande a gente que se criou na roça eu falava assim: «eu não consigo me acostumar» eu pensava na educação dos filhos como que ia se dar uma educação a gente dava uma educação depois sai na rua era uma outra neh, não sei se porque eu me criei na roça

neh, tão achava que era muito difícil, aí então não consegui me acostumar e a gente acabou voltando neh. (Sandra: cVIII A: 24)

These considerations take on different nuances: a few interviewees describe the town as a place where young people have little chance to learn.

Que nem era antigamente até pra crianças já tinha serviço [no campo], só que as crianças ajudam mais porque eles querem neh, não podemos obrigar eles... esto aí é uma lei... da cidade porque fosse o meu tempo que eu era criança eu comecei trabalhar com oito anos e eis<sup>15</sup> que aqui nos pudemos por uma criança com oito anos trabalhar... pra ganhar... neh nos trabalha, as crianças trabalha pra aprender não pra ganhar... então... nesse, nessa valorizada aí da que nos achamos da cidade, pega mais esse aspecto de de de deixar as crianças mais á vontade a não ser no colégio eles não tem mais de obrigação neh é só só li provo... na roça não na roça ele vai cuidar dum porco ele vai cuidar dum galinheiro ele vai plantar um pé de planta ele vai pegar enxada e vai carpir neh, ele aprende... eis que na cidade nos aprendia, não aprendia nada é só no colégio, do colégio pra casa. (Emilia: cXIV A: 41)

Other settlers emphasise the scattering effect of urban life on the family unit and describe the urban reality as excessively open.

Finally, there are very often fond memories of the country from the time prior to the migration to town.

Quando eu trabalhava no campo que era antes do mil novecentos oitenta e dois meu pai era proprietário de terra naquele período havia uma condição favorável no mercado o Brasil vivia o chamado «milagre econômico» e muitos pequenos produtores conseguiram comprar terras então a vida lá no campo era uma vida dura mas de relativa fartura não havia, não conhecia problema de falta de alimentos era muito suada mas era uma vida... plena também, a família toda junta, muitos irmãos pequenos e no final da... no final desse milagre econômico o Brasil começou a ter problemas com uma crise de superprodução e o pai tinha dívida no banco e teve que vender a terra... então o que me lembro do período desse período do sitio antes dele perder a terra pra o Banco do Brasil era uma vida de criança... muito interessante, assim, muito... bonita neh... eu me lembro o nascimento de irmãos mais novos e as coisas que ele ensinava pra gente, como pescar, caçar, fazer um cesto, essas coisas que os pais mais antigos e tradicionais ensinavam aos filhos. (Leonel: cXXIV B: 4)

Isolated and very occasional good opinions contrast all these unfavourable opinions. Good opinions concentrate only on the greater leisure opportunities of town.

---

<sup>15</sup> *Eis* is used here as *onde*, where

The analysis of the opinion about the town allows us to outline the framework where the choice of coming back to the countryside takes hold. The image of the town is so unfavourable that the rural choice, made by the interviewee, seems the only reasonable one. This conclusion however takes an *a posteriori* position, common to interviewees — who reconstruct their life route after many years trying to give it a meaning and a consistency — and to us onlookers — taken up with understanding why some people leave town for the country. An analysis of the ways people fitted in to urban life gives us a different perspective and allows a correction to the biased point of view of an *a posteriori* opinion about town.

In any case a strong feature remains that in comparison with Western society stress, interviewees deem the country as a viable, although not exclusive, solution to problems such as food insecurity and the poor quality of life in town, the difficulty of bringing up children, or the weakness of the urban labour market.

### §§§

5. We can now go over the critical points in the migration again analysing the internal differences.

The present Santa Maria settlers regard their parents' migration from Rio Grande do Sul, and Santa Catarina states on one hand, and from São Paulo state and the Nordeste on the other hand, to Paraná as positive attempts to improve their quality of life, by getting a land plot which is bigger and better in quality. In some interviews this feature is not stressed because migration seemed a natural part of life.

Naquela época a imigração era grande neh do Rio Grande para Santa Catarina ou Paraná neh foi uma época de sessenta e três neh tão aqui no Paraná mesmo tavam desbravando lá no sudoeste e... eles como no Rio Grande a terra era já costava muito neh e aqui no Paraná no puro mato no sertão comprava baratinho neh eu creio que que nem hoje muita gente daqui vai lá pra Rondônia lá pra... Bahia por aquele lado, em busca de terra e assim eles também aconteceram casaram, os pais dele também tinham um sitio pequeno tão vieram embora... sei que a mãe veio veio dois mais irmãos dela do lado do final do pai acho que vieram em quatro ou cinco também tudo vinha e comprava neh ali na região de que eles compravam era tudo sitio pequeno de quatro - cinco alqueires... oito alqueires. (Sandra: cVIII: 137)

In other evidence it is clear right till the end.

Ele conseguiu trabalhand... comprou o tempo que era barata a terra... comprou a terra até a troco de cavalo selado... dava um cavalo selado (*laughter*) a troco de dois três alqueires de terra naquela época... isso

isso foi mais o menos antes de eu nascer, no tempo que eles contavam, que os meus irmãos mais velhos também contavam... que eles compravam a terra barata, assim então na época meu pai tinha cem... cem, cento e deis alqueires de terra quando eu tinha oito anos mais o menos... tão talvez era já quase que um pequeno... quase que um (*laughter*) latifúndio, viu, pequeno latif... só que aí a família foi crescendo neh, ele dava um pedaço de terra pra alguns, se obrigava vender um outro pedaço pra pagar... dívida e aquele que falei, ele não acompanhou a evolução [das técnicas]. (Carlos: cIXA: 242)

From the evidence gathered there did not emerge a widespread belief in the frontier myth. Only one interviewee spoke of how her parents participated in the fights between *posseiros* and *grileiros* that filled south western Paraná with blood and she refers to this time as awful and legendary. This interviewee uses private memory to make a link between her parents' struggle and her personal political commitment, so transforming that fight. Movimento Sem Terra too reappraises those fights — that were not political — from a contemporary interpretation.

The next generation's migration from country to town is very different. Among all those interviewed it is easy to distinguish those who left the land in the seventies, when employment chances were still good and those who left later. Jorge and Valter are amongst the first.

Então, em setenta e cinco neh, depois o mil novecentos e setenta e cinco deu uma geadada, estragou bom de partes dos cafezais e aí também veio... começou a mecanização [...] aí praticamente na lavoura acabou o serviço neh aí foi o grande êxodo rural do Paraná neh neh na década de setenta no caso isso aí foi quase que o pessoal todo mundo... quem tava na lavoura, que trabalhava em lavoura branca de empregado neh, trabalhava em terras dos outros foram pra cidade neh... eu também... e depois a facilidade, em setenta e oito ir pra cidade foi a construção da usina de Itaipú que estava fornecendo assim oferecendo muito trabalho neh, muito emprego... então era fácil... como era fácil tirar um emprego eu simplesmente sai um dia foi lá e comecei trabalhar na barragem. [...] Porque a lavoura praticamente era só eu já tava trabalhando no último ano mil novecentos e setenta e sete neh que eu fiquei na... na lavoura eu já ganhava um salário mínimo por mês, neh, pra trabalhar, eu cuidava de umas... trinta cabeças de gado que tinha lá lá no sítio que trabalhava e trabalhava com trator algum pouco esse mecanização então já trabalhava por mês para o patrão não era mais... eu tava na roça eh, não tinha... indenização não tinha direito nenhum não tinha decimo terceiro não tinha feiras não tinha nada e eu tava ganhando salário mínimo pra trabalhar na roça então na lavoura não era mais... o que produzia era da gente ou uma porcentagem neh do que se produzia o que produzia era todo do patrão e você ganhava um salário então pra trabalhar ganhando

um salário na roça ou na cidade na época era melhor na cidade neh principalmente na barragem que naquela época na Itaipú se ganhava muito dinheiro mesmo. (Jorge: cXXIIB: 40 and 124)

{Quando é que você começou trabalhar na construção civil?} Foi... logo assim que eu cheguei na... nesses anos aí eu cheguei... eu cheguei em Medianera no no com mil e setenta e quatro, janeiro... no fim de janeiro de setenta e quatro e assim que cheguei já comecei trabalhar em construção civil {assim, como você arrumou o trabalho?} eu tinha amigos que moravam na roça neh depois vieram pra cidade vieram primeiro do que eu, daí levado pra eles eu foi na cidade também... só que naquela época era bom... muito bom de emprego, mas depois fracassou. (Valter: cXVIA: 322)

Among those who left the country later, some emphasize the necessary and illusory nature of the migration.

Foi numa época que assim tinha muitos incentivos pra os jovens ir pra cidade neh na época... na década do oitenta neh, no Brasil tinha um incentivo muito grande para os jovens da roça ir trabalhar na cidade neh e ele [o pai do meu filho] entrou nessa... euforia de ir pra cidade e a gente já namorava neh na época daí acabamos casando e depois indo pra lá mas eu não me acostumei neh na cidade e acabei voltando {...} o próprio governo da... chamava neh pra... pra agroin... industria neh prometer emprego neh e como os jovens achava que a roça não dava, que a agricultura não dava pensava de ir pra cidade e na... lá no município onde a mãe mora onde a gente morava neh saiu muitos jovens que foram pra cidade. [...] Eu acho que até assim se a gente for ver neh pra tu ter uma realidade diferente eu acho que foi uma experiência boa assim neh, porque a gente sempre... que se criou na roça achava que a cidade assim era um céu neh vamos dizer que tinha... eu acho que ainda hoje os jovens que moram bem no interior neh bem na roça e ele pensam que a cidade é um paraíso neh e depois que a gente vai pra cidade a gente vê que não é que lá... tu não se sente tranqüila, tu muitas vezes se sente insegura neh... porque é... é uma diferencia tu ser criado... nascer crescer no campo neh que quem nasce e cresce na cidade... então eu acho que foi muito importante assim... pra a gente ter certeza do que queria neh que eu com um ano eu sempre dizia deus me [livre] eu não quero mais viver na cidade neh eu quero morar no campo mesmo neh. (Sandra: cVIII A: 37 and 61)

The unfavourable town experience is reassessed in this evidence as a way to understand personal vocation. For other settlers it is different. One interviewee, even twenty five years later, still doesn't forgive himself for selling his remaining land and going to the town. So all the time between leaving the country and the involvement in

Movimento Sem Terra — time rich in events, according to his son's evidence — is described as confusion time.

Gender too plays a role in migration reassessment. Many women describe the leaving of country as a choice made by their husband.

Many elements distinguish the process of deciding to migrate towards Paraná from deciding to migrate to town. But there is a substantial difference between the migration to town and the choice to remain on or return to the land.

Então essa primeira experiência a gente fez uma ocupação no município de Inácio Martins um município distante... uma área neh, puro mato eh davam entorno de mil duzentos famílias neh foi assim, teve uns seis meses neh, um período assim que foi difícil, a gente para pegar o ônibus tinha que andar doze quilômetros á pé neh no meio do mato neh não tinham... a primeira cidade era vinte e seis quilômetros não tinha trabalho aí quando nessa... chegavam na estrada onde podia pegar o ônibus os primeiros três meses a Polícia montou uma guarda neh não deixava entrar nada que fosse assim com casca que dizer um arroz, tinha que ser descascada porque não queriam que nos plantava nada lá embaixo neh, eu lembro que uma vez uns pessoal ganhou um arroz com casca puxaram nas costas dezoito quilômetros pra poder plantar, porque não podia passar li pra Polícia vieram por traz, para o fundo da área neh daí os homens trouxeram todos nas costas assim, dezoito quilômetros sacas de arroz para poder plantar neh. Lá a gente passou por serias dificultadas neh, morreu criança de fome, morreu mulher na ora do parto por fraqueza, neh e a gente não tinha assistência saúde, não tinha educação, foi assim difícil sempre digo lá logo desde o primeiro dia eu fiz parte da direção neh da direção do acampamento neh e a gente passou por muitas dificuldades gente pobre e ali no meio tinha gente de todo tipo neh, então tinha muitos problema sempre digo acho que envelheci uns dez anos á mais em dois anos que fiquei lá porque neh foi assim... a gente ia dormir numa ora da manha quando era cinco oras da manha já tinha gente chamando que tinha problema neh, muita gente perto, daí... era um lugar, um lugar baixo, úmido, daí deu muita doença, aquela criança a gente deitava na cama escutava criança chorando de fome de manha acordava mesma coisa, neh... é uma escola na vida neh, passar por isso... foi dificultoso neh, mas eu acho que ainda hoje a gente pode se dizer assim que... embora com muitas dificuldades mas eu acho que tem vitória, que a gente conquistou um pedaço de terra, criou consciência muito maior da luta, do que que é, neh você fazer parte dessa sociedade capitalista neh então... valeu muito. (Sandra: cVIII: 364)

Aí em oitenta e nove eu voltei pra o campo perdi meu emprego em Londrina e acampeei, foi eu e meu pai a primeira a primeira ocupação da nossa família... fomos de Campo Mourão até o oeste do Paraná duzentos



e duzentos e... duzentos e noventa quilômetros em cima dum caminhão com uma lona em plástico e cheio de coisas dentro agachadas espremidas e com medo, porque o processo que leva um pai de família á ir pra um acampamento, á ocupar uma fazenda é um trauma na vida dele porque a educação a educação tradicional nos ensina que a propriedade privada da terra é mais sagrada até do que... o direito a vida neh então ele me perguntava todo momento na viagem: “será que não é pecado?”. (Leonel: cXXIVB: 198)

The first is a “natural” movement, sometimes violent, sometimes progressive, sometimes suffered, sometimes chosen, in most case suffered and chosen at the same time. The second results from a hard choice, half the time in opposition to one’s environment and sometime in opposition to deep-rooted ideas. The first is a natural movement away from the land even from a statistical point of view, although migrations are always personal migrations. The second is a strong movement, an ideological displacement, we might say; it is a break in the stream of history however it is a way to maintain the old stream, that of living and working on the land; it is a chosen movement, and this choice must be made with steadfast belief; it goes against the grain of the great migratory streams. It is, finally, a collective movement.

## Bibliography

- Accati Luisa ACCATI, *Se i contadini siano soggetti politici: un dibattito su «The Journal of Peasant Studies»*, «Movimento operaio e socialista», n. 4, 1977
- Bairoch Paul BAIROCH, *Storia economica e sociale del mondo. Vittorie e insuccessi dal xvi secolo ad oggi*, Einaudi, Torino 1999
- Banck Geert BANCK, Kees Koonings, *Social Change in Contemporary Brazil*, CEDLA, Amsterdam 1988
- Barberis — *Le modèle italien de l'exode agricole*, «Études Rurales», 1962  
— *Sociologia rurale*, Edagricole, Bologna 1965  
— *Famiglie senza giovani e agricoltura a mezzo tempo in Italia*, Franco Angeli Editore, Milano 1979
- Beaud Stéphane BEAUD, Michel PIALOUX, *Des ouvriers sans classe. Cette casse délibérée des solidarités militantes*, «Le Monde diplomatique», gen. 2000
- Bittencourt Gilson Alceu BITTENCOURT, Valter BIANCHINI, *Estudos de sistemas agrários na região sul do Brasil*, FAO/INCRA - Projeto UTF/BRA/036/BRA, Curitiba 1998
- Bloch Marc BLOCH, *I caratteri originali della storia rurale francese*, [1930], Einaudi, Torino 1973
- Chonchol Jacques CHONCHOL, *Systèmes agraires en Amérique latine. Des agricultures préhispanique à la modernisation conservatrice*, IHEAL, Paris 1995
- ConcraB CONCRAB, *Caderno de Cooperação Agrícola n. 5. Sistema cooperativista dos assentados*, [1995], São Paulo 1998<sup>2</sup>  
— *Caderno de Cooperação Agrícola n. 6. A emancipação dos assentamentos. Os direitos e os cuidados que os assentados devem ter*, São Paulo 1998
- Fao FAO, PNUD, MARA, *Principais Indicadores Sócio-Econômicos dos Assentamentos de Reforma Agrária. Versão Resumida do Relatório Final do Projeto BRA 87/022*, s.l. 1992
- Fernandes Bernardo Mançano FERNANDES, *MST. Formação e territorialização em São Paulo*, Editora Hucitec, São Paulo 1996

- Ferrante Vera Lúcia Botta FERRANTE, *A aventura de pesquisar assentamentos rurais: dilemas da multidisciplinariedade e do pluralismo teórico*, «Cadernos de Sociologia», Porto Alegre  
— *Diretrizes políticas dos mediadores: reflexões de pesquisas*, in Leonilde MEDEIROS, Maria Valéria BARBOSA, Mariana Pantoja FRANCO, Neide ESTERCI, Sérgio LEITE (eds.), *Assentamentos rurais. Uma visão multidisciplinar*, Editora UNESP, São Paulo 1994
- Ferreira, Angela Angela Duarte D. FERREIRA, Cláudia Pereira da SILVA, Maria Helena ANTUNIASSI, *Assentamentos rurais e reforma agrária non Brasil: organização da produção agrícola, condições de vida e sustentabilidade*, «Cadernos CERU», Série 2, n.10, 1999
- Ferreira, Brancolina Brancolina FERREIRA, *Estratégias de intervenção do Estado em áreas de assentamento: as políticas de assentamento do Governo Federal*, in Leonilde MEDEIROS, Maria Valéria BARBOSA, Mariana Pantoja FRANCO, Neide ESTERCI, Sérgio LEITE (eds.), *Assentamentos rurais. Uma visão multidisciplinar*, Editora UNESP, São Paulo 1994
- Follis Massimo FOLLIS, *Perché contano i contatti personali nel mercato del lavoro? I micro fondamenti della funzione economica dei reticoli sociali e il problema dell'embeddedness*, in Mark Granovetter, *La forza dei legami deboli e altri saggi*, Liguori, Napoli 1998
- Foweraker Joe FOWERAKER, *The struggle for Land. A Political Economy of the Pioneer in Brazil from 1930 to the present day*, Cambridge U.P., Cambridge M. 1981
- Goodman David GOODMAN, *Agricultural Modernization, Market Segmentation, and Social Structures in Brazil*, in Geert Banck, Kees Koonings, *Social Change in Contemporary Brazil*, CEDLA, Amsterdam 1988
- Görgen Frei Sérgio GÖRGEN, João Pedro STÉDILE, *A Luta pela Terra*, Editora Página Aberta, São Paulo 1993
- Granovetter Mark GRANOVETTER, *La forza dei legami deboli e altri saggi*, Liguori, Napoli 1998
- Greel Ronald J. M. GREELE, *Racconti personali: modalità di presentazione e uso*, «Acoma», n. 10/1997
- Gribaudo Maurizio GRIBAUDI, *Mondo operaio e mito operaio*, Einaudi, Torino 1987
- Guala Chito GUALA, *I sentieri della ricerca sociale*, La Nuova Italia Scientifica, Roma 1997
- Guanziroli Carlos GUANZIROLI, Gilson Alceu BITTENCOURT, Dino Sandro Borges de CASTILHO, Valter BIANCHINI, Hur Ben Corrêa da SILVA, *Principais fatores que afetam o desenvolvimento dos assentamentos de Reforma Agrária no Brasil. Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO*, s.l. 1999

- Guhur Dominique Michèle Perioto GUHUR, *Levantamento, diagnóstico e planejamento de um assentamento de reforma agrária visando seu manejo sustentável*, Fundação Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Agrárias, Departamento de Agronomia, Maringá 1998
- Guimero Adilson 'Maguila' GUIMERO, *Uma análise das desistências das famílias associadas na cooperativa de produção agropecuária Vitória Ltda. - COPAVI (Paranacity/PR)*, Brasília 1999
- Hammond John L. HAMMOND, *Law and Disorder. The Brazilian Landless Farmworkers' Movement*, 1998, disponibile all'indirizzo: <http://www.cunyvm.cuny.edu>
- Hannerz Ulf HANNERZ, *Esplorare la città. Antropologia della vita urbana*, Il Mulino, Bologna 1992 (ed.or.: *Exploring the City. Inquiries Toward an Urban Anthropology*, Columbia U. P., New York 1980)
- Harris Marvin HARRIS, *Town and Country in Brazil. A Socio-Anthropological Study of a Small Brazilian Town*, The Norton Library New York 1971 [1956]
- Hennesy Alistair HENNESSY, *The frontier in Latin American History*, Edward Arnold, London 1978
- Heyng Klaus HEYNG, *The principal school of thought on the peasant economy*, «Cepal Review», Apr. 1992, pp. 113-138
- Hirschman Albert O. HIRSCHMAN, *Exit, voice and loyalty : responses to decline in firms, organizations, and states*, Harvard university press, Cambridge (Mass.) 1970
- Hobsbawm Eric HOBSBAWM, *Peasant and politics*, «Journal of Peasant Studies», n. 1, 1973  
— *Il Secolo breve*, Rizzoli, Milano 1995 [ed. or.: *Age of extremes — The Short Twentieth Century 1914-1991*, 1995]
- Ibge IBGE, *Censo Demográfico. População e Habitação - Censos Econômicos. Agrícola, Industrial, Comercial e dos Serviços. Série Regional. Parte XVIII - Paraná, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, Rio de Janeiro 1941, pp. 20-23  
— *Censo Demográfico: Estado do Paraná*, 1950, pp. 26-29  
— *VII recenseamento geral - Paraná*, 1960, pp. 54-55  
— *Censo demográfico - Paraná*, 1970, pp. 79-82  
— *Censo demográfico - Paraná*, 1980, pp. 35-46  
— *Censo demográfico do Brasil - [Dados gerais]- Paraná*, 1991  
— *Censo demográfico do Brasil - Mão de obra - Paraná*, 1991, pp. 89-97 e 117-134
- Incra INCRA, CRUB, UnB, *I Censo da Reforma Agraria no Brasil*, s.l. [Brasília], s.d. [1997]

- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Serviço Público Federal, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Superintendência Regional Do Incra no Paraná - Sr(09), Divisão De Assentamento - Sr(09)Z, *Documento senza nome [Projectos de colonização e de assentamento criados, s.l. [Curitiba], s.d. [2000]*
- Iparde s Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Serviço Público Federal, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Superintendência Regional Do Incra no Paraná - Sr(09), Divisão De Assentamento - Sr(09)Z, *Documento senza nome [Projectos de colonização e de assentamento criados, s.l. [Curitiba], s.d. [2000]*
- Iparde s IPARDES, *As migrações e a transformação da estrutura produtiva e fundiária no Paraná*, Curitiba 1983
- Iparde s — *Dinâmica Demográfica da Região Sul. Anos 70 e 80*, IPARDES, Curitiba 1997
- Iparde s — *Indicadores e mapas temáticos para o planejamento regional*, Curitiba 2000
- Kay Cristobal KAY, *Riforma agraria*, in AA.VV., *Il mondo contemporaneo*, La Nuova Italia, Firenze 1979, vol. VI, pp. 316-334
- Kleinke Maria de Lourdes Urban KLEINKE, Marley Vanice DESCHAMPS, Rosa MOURA, *Movimento Migratório no Paraná (1986-91 e 1991-96): origens distintas e destinos convergentes*, «Revista paranaense de Desenvolvimento» n.95, gen.-apr. 1999, pp. 27-50
- Landes David S. LANDES (a cura di), *A che servono i padroni? Le alternative storiche dell'industrializzazione*, Bollati Boringhieri, Torino 1987
- Magalães Marisa Valle MAGALÃES, *O Paraná e as migrações - 1940 a 1991* (dissertação), Belo Horizonte 1996
- Magalhães Reginaldo Sales MAGALHÃES, *Mapa do desenvolvimento rural na região sul*, Curitiba 1997
- Martins José de Souza MARTINS, *Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*, Vozes, Petrópolis 1981
- Martins — *Não há terra para plantar neste verão. O cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político no campo*, Vozes, Petrópolis 1986
- Marx Karl MARX, *Forme economiche precapitalistiche*, [*Formen, die der kapitalischen Produktion vorhergehen*, Berlino 1953], Editori Riuniti, Roma 1970<sup>3</sup>
- Medeiros Leonilde Sérvalo de MEDEIROS, *História dos movimentos sociais no campo*, Fase, Rio de Janeiro 1989
- Medeiros — *Reforma Agrária: concepções, controvérsias e questões*, [http:// www. dataterra.org.br/ Documentos/ leonilde.htm](http://www.dataterra.org.br/Documentos/leonilde.htm), 1993
- Medeiros — , Maria Valéria BARBOSA, Mariana Pantoja FRANCO, Neide ESTERCI, Sérgio LEITE (eds.), *Assentamentos rurais. Uma visão multidisciplinar*, Editora UNESP, São Paulo 1994
- Medeiros — , Sérgio LEITE, *Perspectivas para a análise das relações entre assentamentos rurais e região*, NEAD, [http:// www.nead.gov.br/ home/ perspectivas.htm](http://www.nead.gov.br/home/perspectivas.htm), s.d. [2000]
- Mst MST, Clodomir Santos de MORAIS, *Caderno de formação n. 11. Elementos sobre a teoria da organização no campo*, São Paulo 1986

- *Programa MST - Brasil 1997-1999*, set. 1996
- *Reforma Agrária: uma luta de todos*, s.d. (1996)
- *O MST e a Educação*. s.l., s.d.
- , Bernardo Mançano FERNANDES, *Caderno de Formação n. 30. Gênese e desenvolvimento do MST*, São Paulo 1998
- Navarro Zander NAVARRO, *Sete teses equivocadas sobre as lutas sociais no campo, o Mst e a reforma agrária*, in João Pedro Stédile (ed.), *A reforma agrária e a luta do MST*, Vozes, Petrópolis RJ 1997<sup>2</sup>
- Nenci Giacomina NENCI, *Le campagne italiane in età contemporanea. Un bilancio storiografico*, il Mulino, Bologna 1997
- Padis Pedro Calil PADIS, *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*, HUCITEC, Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, Curitiba, 1981 [1970], p. 94
- Passerini Luisa PASSERINI (a cura di), *Storia orale. Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne*, Rosenberg & Sellier, Torino 1978
- *Conoscenza storica e storia orale. Sull'utilità e il danno delle fonti orali per la storia*, in Luisa Passerini (a cura di), *Storia orale. Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne*, Rosenberg & Sellier, Torino 1978
- Petras James PETRAS, *Latin America: The Resurgence of the Left*, «New Left Review», N.223, May.-Jun. 1997
- Piva Francesco PIVA, *Contadini in fabbrica*, Edizioni Lavoro, Roma 1991
- Presidência da República (Governo Fernando Henrique Cardoso), *Reforma agrária. Compromisso de todos*, Brasília 1997, <http://www.planalto.gov.br/secom/colecao/refagr.htm>
- Procacci Giuliano PROCACCI, *Le lotte di classe in Italia all'inizio del secolo XX*, Editori Riuniti, Roma 1970, p. 83
- Ramella Franco RAMELLA, *Terra e telai*, Einaudi, Torino 1984
- Rocha Paulo Eduardo ROCHA (ed.), *Políticas Públicas Sociais. Um novo olhar sobre o orçamento da União 1995/1998*, Inesc (Instituto de Estudos Socioeconômicos), Brasília 1999
- Romano Jorge Osvaldo ROMANO, *Poder, valores e conflito no processos de organização non interior dos assentamentos. Comentários a um debate*, in Leonilde Medeiros, Maria Valéria Barbosa, Mariana Pantoja Franco, Neide Estercei, Sérgio Leite (eds.), *Assentamentos rurais. Uma visão multidisciplinar*, Editora UNESP, São Paulo 1994
- Schiman ski Èdina SCHIMANSKI, *Formatos organizacionais dos assentamentos do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: al Cooperativas de Produção Agrícola - CPA's. Estudo de caso: COPAVI - Paranacity - Paraná*, Curitiba 1998

- Shanin Teodor SHANIN, *Defining Peasant. Essays concerning Rural Societies, Expolary Economies, and Learnign from the Contemporary World*, Basil Blakwell, Cambridge MA 1990
- Sigaud Lygia SIGAUD, *Des plantations aux villes: les ambiguïtés d'un choix*, «Études Rurales», jul.-déc. 1993, 131-132, pp. 19-37
- Souza Cimone Rozendo de SOUZA, *O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Paraná: da conquista da terra à coletivização dos assentamentos*, Curitiba 1998 (tesi)
- Stédile João Pedro STÉDILE (ed.), *A reforma agrária e a luta do MST*, Vozes, Petrópolis RJ 1997<sup>2</sup>  
—, Bernardo Mançano FERNANDES, *Brava gente. A trajetória do MST e a luta pela terra non Brasil*, Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo 1999
- Thompson Paul THOMPSON, *Problemi di metodo nella storia orale*, in Luisa PASSERINI (a cura di), *Storia orale. Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne*, Rosenberg & Sellier, Torino 1978
- Torrens João Carlos Sampaio TORRENS, *Alianças e conflitos na mediação política da luta pela terra no paraná. O movimento dos trabalhadores rurais sem terra - 1978/90*, Rio de Janeiro 1992
- Wachowicz Ruy Christovam WACHOWICZ, *Historia do Paraná*, Editora Gráfica Vicentina Ltda., Curitiba 1988<sup>6</sup>
- Vangelista Chiara VANGELISTA, *Terra, etnie, migrazioni. Tre donne nel Brasile contemporaneo*, il Segnalibro, Torino 1999
- Wolf Eric WOLF, *Guerre contadine del XX secolo*, [New York 1969], Istituto Librario Internazionale, Milano 1971
- Wood Charles H. WOOD, José Alberto Magno de CARVALHO, *The Demography of Inequality in Brazil*, Cambridge University Press, Cambridge 1988
- Zani Odila Silvia Knobbe ZANI, *A conquista de um espaço para a produção: o caso da Fazenda Santa Maria - Paranacity - PR*, Lavoro di Conclusione del Curso de Graduação apresentado al Departamento de Geociências da UEL, Londrina 1994
- Zimmerman Neusa de Castro ZIMMERMAN, *Os desafios da organização interna de um assentamento rural*, in Leonilde MEDEIROS, Maria Valéria BARBOSA, Mariana Pantoja FRANCO, Neide ESTERCI, Sérgio LEITE (eds.), *Assentamentos rurais. Uma visão multidisciplinar*, Editora UNESP, São Paulo 1994